

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO • 15 DE OUTUBRO DE 1984



European Nazarene
Bible College
Library



O CALVÁRIO DE DAVI

Rebelião na família, tema embaraçoso, difícil de abordar. Para muitos pais a situação sugere fracasso: "Em que falhei para que o meu filho ou filha agisse desta maneira?" E as perguntas se alongam em intermináveis rosários de auto-recriminação. Poucos desejam compartilhar a dor da rebelião na família, mesmo com amigos chegados. Mas há relato dum caso que se tornou do domínio público e enlutou uma nação inteira. O pai chamava-se Davi; seu filho, Absalão. Um texto bíblico a que poderíamos chamar *O Calvário de Davi* narra o conflito em termos sombrios: "Subiu Davi, pela subida das Oliveiras, subindo e chorando, e com a cabeça coberta, e caminhava com os pés descalços; e todo o povo que ia com ele cobria cada um a sua cabeça, e subiam chorando sem cessar" (II Samuel 15:30).

Posto assim o escândalo na via pública, temos a oportunidade de especular sobre o que teria ido mal entre um pai e o filho que ele idolatrava. Será o mesmo problema que ataca hoje os nossos lares e nos faz chorar a meio da noite? Ou talvez seja a mesma causa que leva milhares de adolescentes a fugir de casa, a um alistamento precipitado nas forças armadas, a um casamento de alicerces defeituosos, ao aliciamento de drogas estupefacientes e a aventuras na esfera do crime.

Uma das nossas primeiras reacções a este estado de coisas é a de escolher a quem apontar o dedo acusador. Serão os pais os culpados? Ou deveremos censurar a juventude por um flagrante desrespeito à disciplina doméstica?

De qualquer maneira, todos parecem sair da experiência severamente punidos: os pais, pela sensação permanente de fracasso; os filhos, pela convicção de que ninguém os compreende ou se interessa verdadeiramente por eles.

No caso de Davi, jamais se deu a reconciliação. O pai e o filho seguiram caminhos opostos. A morte prematura do jovem pôs fim à tragédia pública, mas por certo não estancou as lágrimas do pai amargurado.

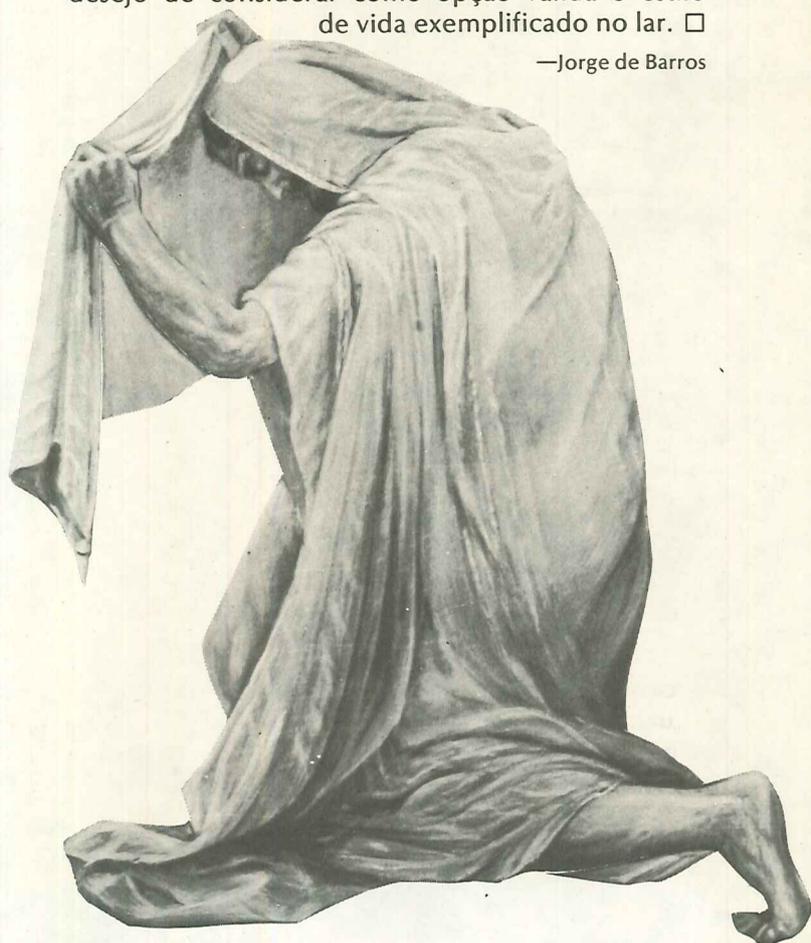
A Bíblia reconhece que é delicadíssimo o equilíbrio no relacionamento familiar. Aos pais dá ainda certa autoridade citar o mandamento que diz: "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá" (Êxodo 20:12). Pena é que por vezes nos esqueçamos de que não é um mandamento unilateral, no sentido de nos isentar de delicada responsabilidade perante os que gerámos. Será difícil recebermos honra quando é desonrosa a nossa própria conduta.

Uma atitude conciliatória a que nos fará bem ape-

garmos é esta do apóstolo Paulo: "Vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor" (Efésios 6:4). Por vezes, confundimos os conceitos de disciplina e de violência. Porém, a rigurosidade do castigo, sem a base e o racional cristão para o mesmo, pode até produzir resultados contrários aos desejados.

A tarefa de educar filhos é demasiado grande, mesmo para os indivíduos mais capacitados deste planeta. Temos de recrutar a ajuda e a sabedoria de Deus. Assim fazia um homem piedoso que todas as manhãs se punha de joelhos diante de Deus e rogava pelos filhos. Já era um dos cidadãos mais ricos do seu mundo, mas compreendia bem que o segredo do êxito na educação de filhos não depende da nossa capacidade de lhes prover abundância de sustento e de folguedos. Há ainda a lembrar o facto de que, tarde ou cedo, o que foi simbolizado no corte do cordão umbilical será realidade completa no alcance da independência emocional e material dos filhos. Chegará o dia em que os jovens farão as suas próprias escolhas e decidirão sobre o rumo que desejam dar à vida. Lutemos por que o nosso exemplo de carácter e de conduta desperte neles o desejo de considerar como opção válida o estilo de vida exemplificado no lar. □

—Jorge de Barros



Os reavivamentos nunca
chegam sem esforço
ou por acaso.



É evidente que a Igreja do Nazareno, à qual pertencemos, nasceu dum reavivamento genuíno, uma verdadeira efusão do Espírito Santo em Seu poder de renovar e reavivar. Talvez a nossa maior necessidade seja hoje a duma nova visitação do Espírito de Deus sobre a igreja, em poder renovador.

Os reavivamentos nunca vêm sem esforço ou sem custo. Existe sempre um preço pessoal—humildade de coração, ouvidos atentos à voz de Deus, espírito contrito e obediente. O avivamento envolve quebrantamento, renovação, restauração e restabelecimento espiritual. Ele traz alívio da carga do pecado e recuperação de membros apóstatas. Alcança eventualmente os não salvos e os que se encontram afastados da igreja, mas começa com o povo de Deus.

O reavivamento é a obra do Espírito Santo de Deus no meio do Seu povo, produzindo corações humildes, profundo sentimento de indignidade, quebrantamento de espírito, convicção de pecados de desobediência, libertação da indiferença e da inércia morais. O Espírito Santo dá vida e saúde espirituais, bem como poder para se andar santamente entre o povo do Senhor. O reavivamento é pessoal—uma relação do Espírito de Deus com o indivíduo. Estamos nós preparados para semelhante avivamento? Queremos realmente esta visitação de Deus? Poderemos enfrentar corajosamente a profunda busca e a dinâmica do Espírito de Deus no nosso coração?

O profeta Neemias viveu numa época de grande necessidade espiritual, material e nacional. Quando regressou do cativeiro para ajudar a restaurar e a reconstruir a nação judaica, ele expôs o seu propósito: "Sucedeu que,

ouvindo eu estas palavras, assentei-me e chorei, e lamentei por alguns dias: e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus" (Neemias 1:4).

Ele reconheceu a necessidade de renovação e restauração; mas fez mais do que simplesmente enfrentar a necessidade—permaneceu dias em pranto, lamentações, jejum e oração diante do Deus do céu. Encheu-se de compaixão pela tragédia de Jerusalém—o opróbrio do povo, os muros derrubados, os portões queimados, a necessidade dum avivamento na cidade e no país.

O pranto de Neemias não foi expressão momentânea de compaixão. Durante dias ele lastimou, profundamente pesaroso, a negligência e a indiferença do povo de Deus. Mais do que isso, sentiu-se constrangido a jejuar pela grande responsabilidade perante o país e o povo. Enquanto jejuava e permanecia diante de Deus, sem dúvida que os rigores da fome lhe recordavam a sua abstinência de pão. Assim, enquanto jejuava, continuava com o seu clamor a interceder por reavivamento junto do trono do céu.

O Salmista implorou: "Não tornarás a vivificar-nos, para que o teu povo se alegre em ti?" (Salmo 85:6).

Recordo novamente que os reavivamentos nunca chegam sem esforço ou por acaso. Neemias orou ao Deus celestial. Aqui se encontra a semente do reavivamento genuíno. É aqui que as dores do parto do interesse religioso precedem o nascer dum reavivamento.

Ele organizou, chorou, jejuou, orou; e fê-lo durante dias. Depois chegaram a renovação e o reavivamento. Queremos nós, nos nossos dias, percorrer o mesmo caminho? □

REAVIVAMENTO ENTRE O POVO DE DEUS



—Orville W. Jenkins
Superintendente Geral

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XIII — Número 20
15 de Outubro de 1984

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES**,
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA (Associação
da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S. \$2.00; número avulso, U.S. \$.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by Publications Services—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S. \$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:

Capa—D. T. Rainey
P. 2, 3—Providence
P. 6, 13—Religious News Service
P. 14—E. Mosteller



missão:
abrir a porta
da fé

—L. Guy Nees



A obra de Missão Mundial é fruto da dinâmica do Espírito Santo na vida da Igreja. Teve o seu princípio no dia de Pentecostes. Desde então, até hoje, a mensagem tem sido levada por discípulos cheios do Espírito a todos os povos do mundo.

O Espírito Santo é a força orientadora da Igreja. "É o Espírito que incita cada indivíduo a proclamar o Evangelho e é Ele que, no íntimo da consciência, faz que a palavra de salvação seja aceite e compreendida" (A. S. M., Abril, 1982).

Nos capítulos 13 e 14 de Actos vemos desenrolar-se tudo isto. Nos primeiros três versículos do capítulo 13 aparece a referência aos primeiros missionários cristãos enviados pela igreja. O resto dos capítulos 13 e 14 narra as suas experiências; no fim do capítulo 14 vem a informação dos missionários, Barnabé e Saulo, que regressaram para contar o que tinha acontecido: "relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles, e como abrisse aos gentios a porta da fé" (Actos 14:27).

Ainda hoje persiste o mesmo padrão. Os missionários são chamados por Deus e enviados por uma igreja que ora e jejua. Eles vão como enviados pelo Espírito Santo e tornam-se agentes de Deus na tarefa de "abrir a porta da fé".

A primeira viagem missionária, tal como hoje, não foi fácil. Em Pafos, na ilha de Chipre, encontraram forte oposição na pessoa de Elimas, o encantador. Entretanto, apesar do incidente, o procônsul converteu-se.

Em Antioquia da Pisídia os missionários tiveram boa aceitação e êxito, mas a oposição incitou contra eles o povo. Paulo e Barnabé foram expulsos. Em Listra, Paulo foi apedrejado e abandonado como morto. O Apóstolo refere-se a estas experiências na Segunda Epístola a Timóteo. "Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de vida, intenção, fé, longanimidade, amor, paciência, perseguições e aflições, tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de toda me livrou" (II Timóteo 3:10-11).

No meio de tantas adversidades eles pregaram as Boas Novas, "anunciando-lhes que se convertessem dessas vaidades, ao Deus vivo" (Actos 14:15).

Foi desta forma que eles regressaram à sua igreja local em Antioquia e "relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles".

Procuremos todos recordar que

Jesus ainda é o Senhor ressurrecto.

O Espírito Santo ainda nos acompanha.

Os missionários continuam a abrir a porta da fé.

A Igreja-Mãe ainda é a igreja que ora, jejua e envia. □

a verdadeira igreja

—W. E. McCumber

A verdadeira igreja, na minha opinião, é a igreja local. Ela é o companheirismo visível e identificável de cristãos que se reúnem para adorar a Deus e se dispersam para testemunhar numa determinada comunidade.

O que chamamos a "igreja distrital" e a "igreja geral" são, de algum modo, designações

incorrectas. Trata-se de agências que existem para servir a igreja local, para que com a sua sabedoria colectiva e experiência ajudem a cumprir a sua missão.

Quando se permite que a "igreja" distrital e geral se convertam num fim em si mesmas, desenvolve-se uma burocracia prolífera. Como resultado, os recursos da igreja local ficam sujeitos a pesadas contribuições para apoiar essa burocracia. Mas, ao mesmo tempo, diminui o valor dessas agências em relação à igreja local.

Finalmente, a burocracia converte-se num fim em si e para si mesma. Aumenta, assim e a todo o instante, o número de pessoas e de programas; e o financiamento é necessário simplesmente para perpetuar a maquinaria. Deste modo a situação torna-se directamente oposta à normal—as igrejas locais existem para servir as "igrejas" distritais e geral, em vez destas existirem para servir as locais.

Surge, então, a pergunta implícita: Que é e onde se situa a verdadeira igreja? Não se encontra radicada nos escritórios, nas agências ou nos departamentos (a escolha de termos é aqui irrelevante), mas nos corpos que adoram e testificam, aos quais também pertence o pessoal distrital e geral; a finalidade é a de servir nas posições para que foram eleitos ou nomeados, de acordo com as diversas responsabilidades distritais e gerais.

Não pretendo sugerir que as agências distritais e gerais careçam de importância ou sejam inúteis. Quero simplesmente dizer que elas devem resistir ao perigo de se confundirem com a verdadeira igreja. A cauda nunca pode sacudir o cão. Mas pode tornar-se demasiado pesada para que o cão a consiga sacudir! Não sairemos do caminho se nos lembrarmos do que é a verdadeira igreja, onde se situa e por que existe. □



“JESUS CRISTO ... SE DEU A SI MESMO POR NÓS”

(Gálatas 1:4)

Nesta passagem bíblica de Gálatas, Paulo desenvolve o seu tema. Nunca perde de vista o propósito da sua epístola. Não escreve: “Quem recebeu as nossas obras”, mas “o qual... deu”. Que é que Ele deu? Não ouro, nem prata, nem cordeiro pascal, nem um anjo, mas deu-se a Si mesmo. Para quê? Não para receber uma coroa, um reinado ou a nossa bondade, mas pelos nossos pecados. Estas palavras soam como relâmpagos de protesto do céu contra toda a classe e tipo de méritos humanos. Sublinhemos estas palavras, pois estão cheias de conforto para consciências doloridas.

Como obteremos remissão dos pecados? Paulo responde: “O homem que se chama Jesus Cristo e, também, Filho de Deus se deu a Si mesmo pelos nossos pecados”. Os projecteis destas palavras desfazem em pedaços indulgências, boas obras, méritos e superstições. Se os nossos pecados pudessem ser riscados por nossos próprios esforços, que razão haveria para o Filho de Deus se dar a Si mesmo por eles? Uma

vez que Cristo se deu pelos nossos pecados, não parece razoável que sejam perdoados por nossos próprios esforços.

Esta frase também define os pecados como sendo tão grandes no efeito que nem todo o mundo poderia expiar um só deles. Cristo, o Filho de Deus, nos indica a grandeza do resgate. O carácter vicioso do pecado é descoberto nas palavras: “O qual se deu a Si mesmo”. É tão pernicioso que só o sacrifício de Jesus podia expiar o pecado. Quando pensamos que a palavra “pecado” abarca todo o reino de Satanás e que inclui tudo o que é horrível, temos razão de tremer. Mas somos descuidados. Menosprezamos a importância do pecado. Raciocinamos que com algum trabalho ou por algum mérito nos desfazemos dele.

A passagem bíblica anuncia que todos os homens estão vendidos ao pecado. Ele é um déspota exigente que não pode ser derrotado por algo criado, somente pelo poder soberano de Jesus Cristo.

portadores de luz

—Eduardo G. Wyman

No seu evangelho, o apóstolo João declara que Cristo, o Verbo divino, era a Luz que veio a este mundo. Ela resplandeceu nas trevas e as trevas não a compreenderam (1:5).

Isto não significa ausência de lutas renhidas entre a luz e as trevas. Houve-as desde o alvorecer da história humana. Continuaram até depois da vinda ao mundo de Jesus Cristo, o Sol de justiça, a verdadeira Luz. O próprio Senhor assegurou que as portas do inferno não prevaleceriam contra a Sua igreja. Mas também advertiu à igreja de Éfeso: “Tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres” (Apocalipse 2:5). Qualquer congregação pode perder a sua luz e afastar-se da fé que uma vez foi dada aos santos (Judas 3). No entanto, a luz sempre consegue brilhar no meio das trevas. Mesmo em tempo de apostasia, Deus levantou defensores da fé, portadores do facho.

Esta verdade evidenciou-se ao longo dos séculos do obscurantismo que se seguiram à decadência da Igreja Cristã, depois da conversão do imperador romano Constantino. Entretanto, Deus sempre inspirou e usou servos fiéis. São como as virgens prudentes de que fala o evangelho, as que mantêm suas lâmpadas acesas.

A história da igreja conta que, quando o clero se corrompia, Deus servia-se de leigos para proclamar a Sua mensagem. São exemplos, os “Pregadores Pobres” que colaboraram com Wycliff, os “Amigos de Deus”, da Alemanha e da Suíça, e os “Irmãos da Vida Comum” a que pertencia Tomás de Kempis. Todos desejavam

Esta doutrina conforta a consciência aguilhoada pelo pecado. Estão seguros aqueles que crêem em Cristo, pois Ele por Sua morte venceu o pecado. Armados com esta convicção, estamos iluminados e podemos ajuizar sobre a vida e suas manifestações, sobre todos os que se dizem religiosos, os muçulmanos e quantos confiam nos próprios méritos. Há seitas perversas que tiram a Deus e a Cristo a honra que só a Eles pertence.

Notemos especialmente o pronome "nos" e o seu significado em Gálatas 1:4. Você concorda facilmente que Cristo se deu a Si mesmo pelos pecados de Pedro, de Paulo e de outros dignos de tal graça. Mas, ao considerar-se você a si próprio, será difícil crer que Ele se desse pelos seus pecados. Hesitamos em fazer parte do pronome "nos" e retraímos-nos ao relacionamento com Deus até sermos dignos por meio de boas obras.

Esta atitude procede dum falso conceito do pecado, de que é coisa pequena, que se resolve facilmente, ou por intermédio de boas obras; que nos devemos apresentar diante de Deus com uma boa consciência; que devemos estar limpos antes de sentir que Cristo se deu pelos nossos pecados.

É uma atitude universal e desenvolve-se mais naqueles que se consideram melhores que os outros. Reconhecem-se pecadores assíduos, mas os seus pecados podem ser facilmente perdoados por uma boa obra o que não impedirá a comparência deles no tribunal de Cristo onde esperarão receber vida eterna por justiça própria. Entretanto, pretendem ter grande humildade e admitem ser pecadores ao ponto de se unirem à oração do publicano: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" (Luc. 18:13). Mas escapa-lhes o verdadeiro signifi-

cado e conforto das palavras "pelos nossos pecados".

O génio do Cristianismo toma as palavras de Paulo—"o qual se deu a Si mesmo pelos nossos pecados"—como verídicas e eficazes. Não consideremos os nossos pecados como insignificâncias. Mas também não tão terríveis que percamos a esperança. Cristo se deu não por transgressões imaginárias, mas reais; não só pelos pecados que podem ser passados por alto, mas pelos mais profundamente arreigados.

Pratique esse conhecimento e você se fortalecerá contra o desespero, particularmente na última hora, quando a lembrança dos pecados assalta a consciência. Diga com plena confiança: "O Filho de Deus, Jesus Cristo, se deu não pelos justos mas pelos pecadores. Se eu não tivesse pecado não necessitaria de Cristo". □

uma espiritualidade mais profunda e prepararam, a seu modo, o terreno para a Reforma.

Deus nem sempre fala no meio de vento forte, fogo ou terremoto. O profeta Elias aprendeu a lição de que o Senhor fala com frequência através duma voz mansa e delicada (I Reis 19:21).

Os místicos cristãos também têm contribuído para a renovação da Igreja de Jesus Cristo. Refiro-me especialmente àqueles que seguiram não só a letra, mas também o espírito das Sagradas Escrituras.

Estes são os que se deixaram guiar pelo Espírito Santo no conhecimento bíblico e na vida espiritual genuína, apostólica e neotestamentária.

O Dr. J. F. Hurst escreveu acerca dos místicos: "Eles viram o dano causado à igreja pelas longas e áridas discussões dos escolásticos e procuraram dirigir a mente cristã para a dependência de Deus, necessidade duma profunda experiência religiosa e atitude de alma receptiva e contemplativa que espera constantemente a comunicação do Espírito Santo. . . A única preocupação do místico baseava-se na condição da alma individual e na vida religiosa privada".

Naturalmente, no Cristianismo isso não é tudo, ainda que essencial e indispensável. Levados pela tradição, os místicos não davam a devida importância à Palavra escrita de Deus. No entanto, alguns eram tão bíblicos como profundos na sua espiritualidade. Ajudaram a criar um clima de verdadeira reforma espiritual. □



O erudito historiador Schaff diz que "a Reforma é, depois da vinda do Cristianismo, o maior evento da história. Marca o fim da Idade Média e o princípio da Moderna. Originado na religião, deu-lhe, directa ou indirectamente, um impulso progressivo e tornou o movimento evangélico a principal força motriz na história da civilização. A Reforma Evangélica orientou as tendências e os movimentos liberais do Renascimento, encaminhou-os pelos canais da vida cristã e salvou o mundo duma revolução desastrosa. Foi negativa quanto ao erro, mas positiva e construtiva quanto à verdade; revelou-se tanto conservadora como progressista; edificou novas instituições para substituir as que tinha derrubado; e, por isso, triunfou até certo ponto".

Atrás da Reforma, ocupando o lugar central desse movimento tão vasto e complexo que mudou para sempre a história do mundo, projecta-se—dando vida, guiando seus passos e estabelecendo algo permanente—a figura gigantesca de Martinho Lutero.

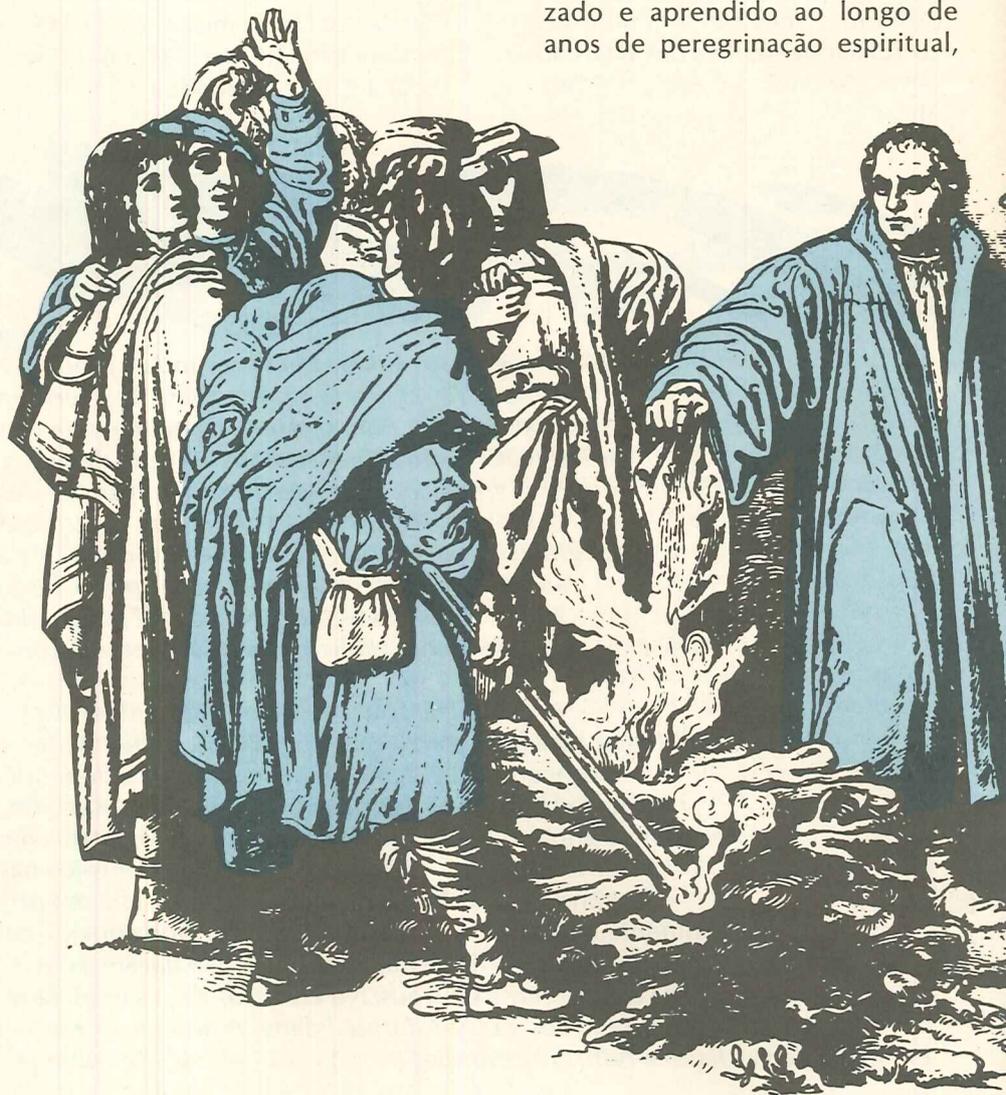
Lutero foi mais que um reformador. Vários reformadores o precederam e outros vieram depois. A própria época em que viveu estava saturada de tendências reformistas. Indivíduos, grupos místicos e concílios tinham tentado em vão reformar a igreja. Quase em cada século e em cada país brilhara com esplendor a luz de alguém que defendia a pureza do Cristianismo apostólico: Savonarola, Wicliffe, Huss, Madam Guayon, Molina e muitos outros. As acusações de Lutero não foram novidade, pois já tinha acontecido o mesmo com outros reformadores. O próprio Lutero bebeu na fonte de seus predecessores—como Bernard, Occam, Vala e Tauler. Mas foi mais que uma repetição. Ele se evidencia como reformador e também profeta, o profeta da Reforma. Filipe Melancton foi dos primeiros a cap-

LUTERO E A REFORMA

—Sérgio Franco

tá-lo, por isso, deu-lhe o título de "o Elias da Reforma".

Aquilo que o distinguiu. Em vão procuraremos a origem da sua mensagem, ou o segredo do seu alcance, fora da luta do próprio reformador com o problema do pecado e da salvação. Neste particular, Lutero, como o apóstolo Paulo, fez da sua experiência espiritual, com toda a sua força e percepção peculiares, a arma com que forjou um novo capítulo na história religiosa. Não temos a chave para compreender as acções de Lutero se não captarmos que, partindo da sua experiência religiosa, ele deu ao mundo um conceito característico, perdido no seu tempo, da religião de Cristo: que esta devia ser primordialmente algo interno e espiritual. Quando a este conceito, actualizado e aprendido ao longo de anos de peregrinação espiritual,



acrescentamos a poderosa personalidade de Lutero e a certeza de que Deus o guiava, começaremos a compreender o cenário da Dieta de Worms, na qual um humilde monge e professor, com a Bíblia na mão como defesa, se atreve a desafiar os maiores potentados deste mundo ao pronunciar as palavras imortais: "Esta é a minha posição. Não posso retractar-me. Que Deus me ajude! Amém".

O alcance da sua obra. O mundo do século XVI estava sujeito a ideias e instituições com prestígio de séculos. O papado e a igreja medieval faziam parte da própria vida do país e do indivíduo. Mas Lutero "conseguiu sacudir e amoldar o mundo de acordo com as suas ideias". Passados poucos



anos, Alexandre, emissário do papa, teve que declarar: "Nove décimas partes da Alemanha clamam: Lutero! Lutero! E a outra parte diz: "Abaixo com o papa!" Após a morte de Lutero, a Reforma adquiriu proporções sempre crescentes.

Mas não se pode dizer que a Reforma tenha sido sua obra exclusiva. As forças que a provocaram—a corrupção do papado, a decadência do escolasticismo e do monasticismo, o renascimento das letras, a publicação do Novo Testamento em grego, o espírito de independência da época—actuaram antes e durante o seu tempo.

Lutero, como os outros grandes da história, aproveitou outros factores latentes. A Reforma nunca se teria propagado tão rapidamente sem a imprensa. Ele usou-a especialmente para tratados ou folhetos. "Entre 1517 e 1520", escreveu Schwiebert, "apareceram 370 edições das suas obras com um total de 300.000 exemplares". Também teve o apoio da faculdade e dos alunos d' Wittenberg, bem como de príncipes e personagens que se alistaram sob a sua bandeira.

A força da sua personalidade. Mas a todos estes múltiplos factores e participantes do vasto drama faltaria a força motriz: o arbítrio dominador, a energia e o "dinamismo profético" de Lutero. Ele próprio por vezes se afigura ao agente duma força que o impulsiona a si e aos outros.

Debruçando-nos sobre a personalidade crescente de Lutero reconhecemos a veracidade das palavras do historiador Mackinnon: "Lutero fez a Reforma, e a Reforma fez Lutero". Esta força ajudou-o a superar-se. Ele, que outrora tremia perante uma tempestade e invocara o auxílio duma santa, enfrenta agora resoluto o papa, os bispos, o imperador, os duques, com seus soldados e as legiões satânicas que, embora sejam tantas "como as telhas dos

telhados de Worms", não conseguem deter a energia profética do reformador. Nos momentos mais difíceis, Lutero, profundamente humano, refugia-se na oração e na leitura da Bíblia.

No século XIX, o cardeal Doellinger, historiador católico, escreveu: "A fortaleza da Reforma deve-se em parte à personalidade do seu autor na Alemanha. A dominante grandeza mental e o talento polifacético de Lutero são a força motriz da Reforma".

No firmamento da Reforma há estrelas mais belas que a de Lutero. Ele não teve o génio sistemático de Calvino, nem a tolerância de Erasmo, nem o amor e a nobreza de Zúínglio. A falta de algumas qualidades levaram-no a cair em erros. Não há dúvida que até ele chegou a ser pequeno para a obra que começou.

Mas queremos ver de perto e com apreço a grandeza do homem e a sua imensa contribuição para a Reforma: foi sua a voz que, como trombeta, despertou a igreja do torpor em que se encontrava (até a Igreja Católica saiu beneficiada!); foi o seu martelo que quebrou as algemas do jugo papal—nunca mais voltou a ser o mesmo; foi Lutero que reconquistou a liberdade cristã; quem proclamou que a condição da alma era mais importante do que o ritual; pôs a Bíblia ao alcance do povo, defendeu o direito do crente a interpretar e reconheceu-a como suprema regra de fé; motivou os cristãos a reconciliarem-se com Cristo através da justificação pela fé; estimulou a congregação a participar no culto; deu um golpe mortal à teologia escolástica e substituiu-a pela teologia prática; colocou a mensagem no lugar central do culto que lhe competia; foi ele que permaneceu ao leme nos anos decisivos para que a Reforma se estabelecesse e ficasse livre das associações que a teriam detido. *A sua obra é o seu melhor monumento.* □

No ano de 1074, o papa Gregório VII introduziu nos cânones da Igreja Romana o celibato eclesiástico. Esta doutrina tem sido alvo de muita discussão. Os seus efeitos perniciosos repercutem, ainda hoje, em almas amarradas por votos obsoletos.

Cinco século mais tarde, Martinho Lutero levantou a voz não só para proclamar o livre arbítrio, a autoridade das Sagradas Escrituras, a salvação pela graça por meio da fé, o testemunho interior e o sacerdócio universal, mas também para vincar a doutrina da Igreja Primitiva quanto ao casamento dos ministros. A sua espontaneidade desesperava os inimigos que o viram abandonar o convento e a vida sacerdotal para se casar e ter filhos.

Não se tratava de mais um "frade caído" como insinuou Denifle, mas dum homem sincero e coerente com os próprios princípios. Declarou em certa ocasião: "Se há algum frade que tenha o direito de entrar no céu por sua vida rigorosa e mortificada, eu considero-me um candidato. Martirizei o corpo com jejuns e penitências, com rezas e leituras". E ainda, referindo-se à vida passada: "Quando celebrei a primeira missa em Erfurt, ao ler as palavras: *Te ofereço a Ti, Deus vivo e verdadeiro*, enchi-me de temor e quase abandonei o altar. Com quem estava eu a falar? Desde então sempre celebrei a missa atemorizado. Mas, graças a Deus, Ele me libertou de tudo isso".

Mesmo depois de casado, seus escritos ainda reflectem os sentimentos do antigo monge, acostumado ao celibato, ao reagir perante as diversas circunstâncias em que se achava envolvido. Na nova vida, Lutero tinha bem presente as funestas consequências que o celibato eclesiástico causava a muitos sacerdotes. Ele aconselhou o matrimónio como o melhor remédio para os escândalos que assolavam desde a cúria pontifícia até aos conventos e paróquias rurais.

" D um grande povo" P ai

Em 1520, como resultado da sua doutrina, deu-se uma reviravolta na Alemanha. Muitos frades e freiras saíram dos conventos para se casarem. Erasmo referiu-se ao acontecimento com certo gracejo: "Ouço falar continuamente no drama luterano; mas isso parece uma comédia que, segundo o costume, termina em bodas de casamento!"

O convento dos agostinhos de Wittenberg, abandonado pelos seus moradores, tornou-se a residência particular de Martinho Lutero. Viviam com ele, além da mulher e dos seis filhos, onze sobrinhos, numerosos visitantes e noviças que tinham abandonado o claustro. Antes de se casar com o Reformador, a própria Catarina Bora tinha saído do convento de Nimschen, com mais seis companheiras. Referindo-se a esse tempo, alguém escreveu: "A casa de Lutero transformou-se numa residência heterogénea de jovens, noviças, estudantes, viúvas e crianças; existe nela grande alvoroço". Os que se refugiaram em casa de Lutero, levaram-no a dizer: "Pareço-me a Abraão, pois sou avô dos filhos dos sacerdotes e das freiras que se casaram. Sou o *pai dum grande povo*". E o futuro deu-lhe razão. Foi, so-

bretudo, pai do grande povo evangélico.

Ainda hoje provoca sensação nos meios católicos a presença dum pastor com mulher e filhos. Recordo a minha impressão desagradável quando era sacerdote e visitei pela primeira vez um pastor nazareno. Depois de conversarmos sobre a doutrina e os costumes da igreja, ele apresentou-me a esposa com um menino ao colo e mais cinco à sua volta, além dum casal que estava de visita. Isso era muito normal para ele, mas não para os meus preconceitos de rigoroso celibato. Além do hábito eclesiástico, tinha atrás de mim normas rígidas da igreja a que pertencia. Anos mais tarde, quando me decidi a deixar a Igreja Católica e o sacerdócio, fui acolhido nesse lar evangélico com o mesmo espírito com que o faria Lutero no seu convento.

Nota-se um carinho extraordinário nas cartas que Martinho Lutero escreveu aos filhos. Numa diz: "Querido filho: Verifico com agrado que estudas muito e que rezas com fervor. Quando eu regressar a casa levo-te um lindo presente..." Pela morte da sua filha Isabel, Lutero desabafou com um amigo: "A minha querida menina morreu. Deixou-nos muito tristes. Sinto a alma vazia. Nunca pensei que o coração dos pais fosse tão afeiçoado aos filhos. Ora ao Senhor por mim".

Havia uma característica saliente na sua vida: a alegria. Talvez fosse reacção natural do tempo em que estivera só na clausura dum mosteiro. Parafraseando alguns salmos, disse: "Deus quer que estejamos alegres, pois aborrece a tristeza; porque se Ele desejasse que fôssemos tristes não nos mimosearia com o sol, a lua e os frutos da terra—dons que nos oferece para nossa alegria". Como bom pai de família, Lutero viveu estas palavras da Bíblia: "Grandemente se regozijará o pai do justo, e o que gerar a um sábio se alegrará nele" (Provérbios 23:24). □

—Acácio Pereira

minas de discípulos



—Robert W. Jackson

Jesus tinha a habilidade de encontrar discípulos em lugares menos esperados: nas margens do Mar da Galileia, numa pequena vila junto a um poço, debaixo duma figueira, ao lado da estrada cobrando impostos, em cima dum telhado ou dum sicômoro. Maria Madalena, uma pecadora, foi encontrada aos pés do Mestre. Paulo escutou a voz de Cristo a caminho de Damasco, aonde ia para prender os seguidores de Jesus e conduzi-los a Jerusalém para serem julgados e mortos. O Senhor encontrou alguns discípulos na margem dum rio. Fica-nos a impressão de que onde quer que fosse, conseguia localizar e chamar discípulos.

Mesmo nas gerações que se seguiram à Sua ascensão, Jesus continua a descobrir discípulos em diferentes lugares. João e Carlos Wesley foram encontrados numa residência pastoral. William Carey, sapateiro, veio a ser um discípulo e missionário de grande projecção. William Wilberforce, político inglês, reformou a vida de muitas crianças por seu amor a Cristo. João Newton fugiu—como Jonas—a bordo dum navio para se afastar de Cristo. Mas o Senhor foi ao seu encontro e devolveu-o ao lar para escrever hinos e pregar o evangelho. William Franklin Graham era um lavrador. Sim, Jesus encontra discípulos em toda a parte.

Às vezes encontramos discípulos “mesmo atrás da nossa casa”. Num dos seus livros, Russel Conwell conta a história que se segue:

Ali Hafed ouviu tudo acerca de quanto valiam os diamantes e, nessa noite, foi para a cama pensativo. Nada perdera. Mas era infeliz porque se sentia insatisfeito e o descontentamento provinha do temor de ser pobre. Declarou: “Eu quero uma mina de diamantes”; e permaneceu acordado toda a noite.

No dia seguinte, de manhã cedo, procurou o sacerdote. Ele sabia por experiência própria que um ministro fica mal humorado quando é acordado cedo. Logo que conseguiu despertar o velho sacerdote, Ali Hafed disse-lhe: “Pode dizer-me aonde encontrar diamantes?”

“Diamantes! Por que os quer?”

“Porque desejo ser rico agora mesmo.” “Bem, então prossiga o seu caminho, encontre-os e tome posse do tesouro. “Mas eu não sei aonde ir”. “Se encontrar um rio que deslize através de areia branca, entre montes elevados, nessa areia sempre encontrará diamantes.” “Eu não creio que exista semelhante rio.” “Oh, sim, existem muitos. O que tem a fazer é ir e encontrá-los, então será rico.” Ali Hafed disse: “Irei”.

De modo que vendeu a sua propriedade, recebeu o dinheiro, deixou a família ao cuidado dum vizinho e saiu à procura de diamantes. Começou a busca, de acordo com as liberdades de minha mente, nas Montanhas da Lua. Depois deu a volta à Palestina, percorreu a Europa; finalmente, quando tinha gasto todo o dinheiro e se encontrava esfarrapado e na miséria na costa duma baía de Barcelona, Espanha, uma

vaga impetuosa precipitou-se entre as colunas de Hércules. O pobre homem, aflito e moribundo, não resistiu à tentação horrível de se lançar à corrente. Saltou na crista da onda para nunca mais se levantar nesta vida.

Alguns dias depois, o mesmo sacerdote foi visitar o herdeiro de Ali Hafed e, ao abrir-se a porta da sala de visitas, viu algo brilhante na cornija da lareira. Apressou-se a ir ver e exclamou: "Magnífico diamante! Já regressou Ali Hafed?" "Não, ele nunca mais voltou e isso não é um diamante. É simplesmente uma pedra que encontramos no nosso quintal. O sacerdote disse: "Eu conheço bem um diamante. Sei positivamente que este é um diamante".

Então, todos foram ao quintal, remexeram a areia branca com as mãos e encontraram outras pedras preciosas ainda mais belas e valiosas que a primeira. "Foi assim descoberta", explicou-me o cicerone—e é historicamente verdade—"a mina de diamantes de Golcanda, com os diamantes mais excelentes da humanidade, superando os de Kimberley. O Kohinoor e o Orloff dos tesouros reais da Inglaterra e da Rússia—os maiores do mundo—provêm dessa mina."

Os discípulos são como os diamantes que se podem encontrar em qualquer lugar. Você e eu devemos saber onde encontrá-los! Quando trabalharmos para o Mestre, ouçamos a voz do Espírito Santo que nos conduz ao próximo discípulo. Às vezes não temos ideia de onde e de quem será o seguinte.

A nossa igreja tinha tempo marcado para a oração. Dividimo-nos em grupos que se reuniam em casas particulares. Estávamos a orar por reavivamento e acção do Espírito Santo na nossa igreja. Eu dirigia um dos grupos que se reunia no apartamento de Benjamim Duarte. Nessa reunião encontrava-se um vizinho, chamado João, que era alcoólico. Viera a convite de Benjamim. Quando estávamos reunidos, eu fui movido pelo Espírito Santo a orar pela salvação de João. Então comecei a orar que Deus o salvasse. Em breve o homem estava ao meu lado, a orar comigo, que Jesus o salvasse. E assim aconteceu. Que momentos de regozijo! Olhei para esse novo irmão em Cristo e disse: "João, eu sou crente há muitos anos. Você é um recém-convertido. Mas sabe uma coisa? Somos irmãos!" Foi algo espontâneo e instantâneo! Abraçamo-nos e lágrimas de alegria deslizaram pelos nossos rostos. Convidei-o e à esposa a irem à nossa igreja no dia seguinte.

Chegou o domingo de manhã. Era a hora do culto. João e Rute lá estavam sentados ao lado do "tio Benjamim e da tia Rute Duarte". Tinham vindo por serem convidados, como novos crentes, a participar na Santa Ceia. Que regozijo vê-los tomar o pão e beber o cálice como discípulos recém-nascidos!

Amigo, o próximo discípulo pode encontrar-se em sua casa, na classe da Escola Dominical, ou na loja aonde vai comprar ou vender. Tem você procurado discípulos—que valem muito mais que diamantes? □

A ALEGRIA IMENSA DAQUELE QUE AMA

É quando os outros são exaltados e coroados que O Amor encontra a sua verdadeira alegria. A inveja é o ensombrar do espírito face à glória do próximo. Para o ciúme, só a própria grandeza, a dimensão possessiva, são exaltantes. Mas ao Amor importa sobretudo a felicidade e o esplendor que se encontram noutrem. O amor é "sentir-se realizado" com o triunfo do outro.

As cordas do instrumento do amor vibram com a alegria de

Celebrámos em 1983 o quinto centenário do nascimento de Martinho Lutero, ilustre membro duma família de mineiros. Nasceu em Eisleben, Alemanha, no dia 10 de Novembro de 1483, quase nove anos e um mês antes do descobrimento da América. Dedicou-se desde criança ao estudo e veio a tornar-se figura de relevo na humanidade. Diz-se que quando era estudante ganhava o pão a cantar em coro com outros companheiros, de porta em porta.

Cursou os estudos primários em Mansfield, os secundários em Magdeburgo e os universitários em Erfurt. Em 1505 obteve o grau de licenciatura em filosofia. Resolveu ser sacerdote e entrou num convento agostinho onde, entre outras coisas, se dedicou ao estudo das Sagradas Escrituras. Nessa época, a Bíblia era livro quase desconhecido do povo. As poucas cópias que existiam pertenciam a universidades e mosteiros. Em 1507 Lutero foi ordenado sacerdote e, um ano depois, ocupou uma cadeira na Universidade de Wittenberg onde, em 1512, recebeu o título de Doutor em Sagrada Escritura.

A sua dedicação ao estudo da Bíblia mostrou-lhe que havia uma diferença acentuada entre o ensino do livro imortal e a prática da igreja. Assim, no dia 31 de Outubro de 1517 afixou na porta da catedral de Wittenberg as suas famosas 95 teses. Nasceu nesse dia o movimento conhecido, desde então, como a sarça de Horebe, que arde sem se consumir.

No ano de 1520 Lutero assistiu à dieta de Worms, convocada pelo imperador Carlos V. Diante de cerca de 300 príncipes, bispos e eruditos, ele defendeu com firmeza os ensinamentos da Sagrada Escritura. Disse: "Trata-se da Palavra de Deus, da fé cristã e da salvação. Aqui estou, não posso fazer outra coisa. Que Deus me ajude". E ausentou-se da reunião.

No regresso a Wittenberg foi recebido com aclamações. Em Tubinga foi "sequestrado" e levado para o castelo de Wartburgo por soldados às ordens de Frederico, o Sábio, que lhe ofereceu protecção. Este receava que o reformador fosse atacado e

uma alma que não é a alma pessoal, a alma própria.

Na verdade a grande dádiva do amor é a da correspondência subtil, da afinidade intensa entre estados de espírito. Há nesta vivência profunda um sentimento de companheirismo autêntico e a permanente disponibilidade de "se alegrar com os que se alegram e de chorar com os que choram" (Romanos 12:15). A satisfação exultante do próximo provocará

na alma de quem o ama um repicar de sinos totalmente correspondente ao da festa que o *outro vive*; tal como o carpir de marcha fúnebre, o soluço de desgosto do meu próximo, é "requiem" (em perfeita comunhão) que também me atinge. A identificação quase absoluta da alma amante com a alma amada entra na própria definição de Amor.

O Mestre censurou aqueles que acabam por perder este dom

subtil. Perdem, afinal, a capacidade de resposta ao espírito efectivo: "Tocámo-vos flauta, e não dançastes; cantámo-vos lamentações, e não chorastes" (Mateus 11:17).

Apontam-se, nesta passagem do Evangelho, aqueles que vivem o isolamento desamoroso dos egoístas. Aquelas tristes almas que perderam toda a capacidade de comunhão com o seu semelhante. □ —John Henry Jowett

morto. Lutero aproveitou o tempo para traduzir em alemão o Novo Testamento. Demorou dez meses, mas a obra teve tanto êxito que, em onze anos, se fizeram 58 edições.

Em Wittenberg Lutero traduziu o Antigo Testamento e preparou a primeira edição da Bíblia em alemão, publicada em 1534. A Bíblia de Lutero, traduzida das línguas originais—hebraica, aramaica e grega—é obra clássica da literatura alemã. José Caballero, erudito cubano, comentou: "É muita parcialidade negar a influência da Reforma na civilização. Que fonte de cultura! Divulgando a Bíblia, Lutero levantou um monumento à língua alemã!" A partir daí a Bíblia começou a traduzir-se e a espalhar-se por quase todos os países.

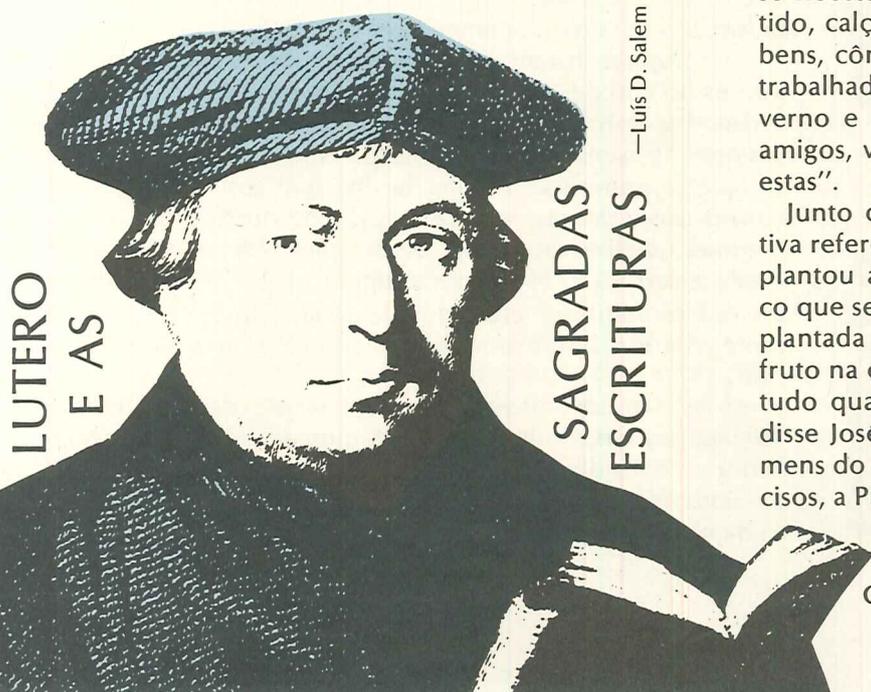
Martinho Lutero escreveu livros e hinos para o culto público. Acabo de ler o seu *Catecismo Menor*, cujas 180 páginas estão cheias de respeito e admiração pela Palavra de Deus. Lutero absorveu a doutrina cristã da Bíblia ou Sagradas Escrituras. Para ele

"a Bíblia é a Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo e escrita pelos profetas do Antigo Testamento e pelos evangelistas e apóstolos do Novo. Torna-nos sábios para a salvação pela fé que é em Cristo Jesus".

Vejamos apenas dois exemplos do valor teológico e literário do *Catecismo Menor*. O primeiro diz: "Creio que Jesus Cristo, verdadeiro homem, nasceu da Virgem Maria, é o meu Senhor, que me remiu a mim, homem perdido e condenado, e me resgatou e livrou de todos os pecados, da morte e do poder do diabo; mas não com ouro ou prata, senão com o Seu precioso sangue e com a Sua Paixão e morte; isso fez que eu seja Seu e viva no Seu reino, e O sirva em justiça, inocência e bem-aventurança eternas, assim como Ele ressuscitou dos mortos e vive e reina para sempre. Isto é certamente a verdade".

O segundo exemplo corresponde à explicação que Lutero deu da quarta petição do Pai Nosso: "O pão nosso de cada dia nos dá hoje" (Mateus 6:11). "Em que consiste o pão quotidiano?", pergunta Lutero. E responde: "Consiste em tudo aquilo de que se necessita como alimento: comida, bebida, vestido, calçado, casa, lar, terrenos, animais, dinheiro, bens, cônjuge piedoso, filhos dedicados, operários trabalhadores, autoridades devotas e fiéis, bom governo e tempo, paz, saúde, boas atitudes, honra, amigos, vizinhos devotados e coisas semelhantes a estas".

Junto de cada declaração encontra-se a respectiva referência bíblica. Em resumo, Martinho Lutero plantou a semente do moderno movimento bíblico que se estende a todo o mundo, como "a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará" (Salmo 1:3). Como disse José Caballero: "Há mais necessidade de homens do que de instituições. E quando eles são precisos, a Providência trá-los ao mundo. Lutero foi um homem providencial". □



—Luís D. Salem

LUTERO
E AS

SAGRADAS
ESCRITURAS

AÇORES

Os Açores são um arquipélago de 9 ilhas situadas no Oceano Atlântico, entre os Estados Unidos e a Europa ocidental; com uma população superior a 250.000 habitantes. Não existe em qualquer das ilhas Igreja do Nazareno. Bem—isso não é totalmente certo, pois "A Hora Nazarena", nosso programa de rádio transmitido por uma estação local, tem sido escutada nos Açores há vários anos. O povo está familiarizado com o nome da Igreja do Nazareno, mas ainda não a conhece como um corpo de crentes.

Só ultimamente é que os evangélicos chegaram aos Açores. Cinco denominações começaram um trabalho em quatro ilhas. As outras cinco, porém, permanecem virtualmente sem a presença do testemunho evangélico.

O Dr. Mosteller e a Esposa, ex-missionários nas Ilhas de Cabo Verde, pioneiros da nossa Igreja no Brasil e em Portugal, foram nomeados para abrirem em 1984 um novo trabalho da Igreja do Nazareno nos Açores. Em Janeiro de 1983 fizeram uma viagem de sondagem às ilhas e ficaram impressionados com a sua beleza e a amabilidade do povo.

Dois jovens converteram-se através do testemunho dos missionários Mosteller durante a sua estada nas ilhas. Fizeram-se contactos proveitosos. Um jovem, chamado para pregar, está a estudar a doutrina e o Manual da Igreja do Nazareno; e outro mostra-se muito interessado no ministério.

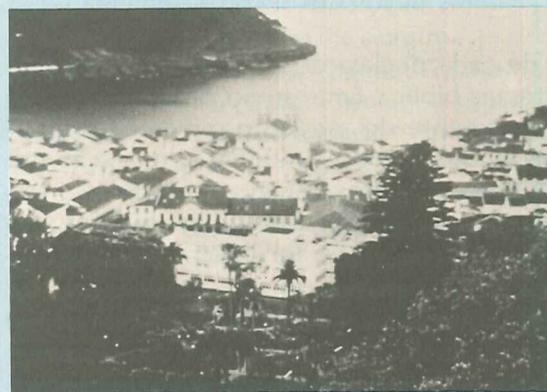
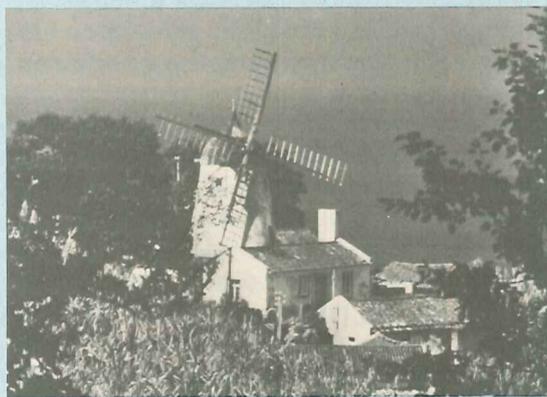
O Dr. Mosteller sugeriu que a obra nazarena principiase na cidade de Ponta Delgada, a capital, onde vive um quarto da população total das ilhas. Seriam construídas uma grande igreja na cidade, outras mais pequenas nos arredores e em cidades e vilas espalhadas pelas ilhas. Poderiam arrendar-se terrenos em áreas convenientes e construir neles capelas pré-fabricadas onde leigos ou novos pastores pregariam enquanto estudassem. Locais e construções permanentes só seriam estabelecidos mais tarde quando as igrejas crescessem.

Em complemento à visita de sondagem, em 1983, o casal Mosteller contactou açoreanos que vivem nas comunidades americanas de Nova Inglaterra, Califórnia e Havaí, bem como em Toronto, Canadá. Através dessas pessoas eles contam estabelecer laços com habitantes das ilhas.

Os Açores foram descobertos pelos navegadores portugueses no ano de 1300. Tornaram-se ponto importante de abastecimento de marinheiros, comida e água potável para os veleiros que seguiam rumo à América do Norte.

De origem vulcânica, cada ilha tem a sua própria beleza com praias, crateras, lagos, profusão de flores, fruta, árvores e legumes de climas temperados e tropicais. A temperatura anual oscila entre 15 e 24 graus centígrados. Em tais circunstâncias ideais não admira que a indústria de lacticínios seja preponderante. Alguns descrevem as ilhas como um grande jardim florido.

Mas não nos esqueçamos que nesse Éden existem quase 300.000 pessoas, muitas das quais nunca aceitaram Jesus como Senhor e Salvador pessoal. É esta a razão que justifica a ida dos missionários Mosteller e o esforço de todos nós para o progresso da obra redentora de Cristo nas ilhas açoreanas. □



بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ

✓ O que o apóstolo Paulo escreveu em Romanos 6:1-14 refere-se ao batismo com água ou com o Espírito Santo?

Eu creio que se refere ao batismo com água. No contexto desta passagem bíblica, Paulo examina o que o crente era em Adão e o que é em Cristo. A transformação, da lei do pecado ao estado da graça, é oferecida na cruz do Calvário e expressa no batismo. Na morte de Cristo por nós e na Sua vida em nós finda o reino do pecado e começa o da graça. No propósito e na provisão de Deus, tudo isto se realiza na morte e na ressurreição de Jesus Cristo, em que nós morremos e vivemos com Ele.

Na experiência e na consciência do homem, esta mudança verifica-se quando cremos em Cristo e testificamos da nossa fé por meio do batismo. Por fé identificamo-nos com Cristo que, na morte, Se identificou conosco. Neste ponto, a provisão concretiza-se na experiência. Paulo não separa da fé o batismo, mesmo que o batismo com água produzisse automaticamente tal mudança. Mas fé/batismo, como uma experiência total, identifica-nos com o Salvador crucificado e ressurrecto, adiciona-nos ao Seu corpo e coloca-nos no caminho da verdadeira vida.

Ao longo da caminhada descobrimos o pecado dentro de nós que discorda com a nova identidade, o novo estilo de vida. O pecado interior, o princípio inato de rebeldia, deve ser destruído. A sua destruição é resultado duma submissão consciente do crente a Deus, quando cientes de estarmos na verdade, de acordo com a fé—"mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus" (Romanos 6:11). Deus responde à nossa obediência com limpeza e capacitação, possibilitando-nos na vida diária a santidade interior e exterior. Desta forma, o que nos foi dado na cruz, simbolizado no batismo e apropriado por fé, concretiza-se na experiência. Creio que é esta a doutrina da passagem bíblica que você apresentou.

✓ Será Isaías 65, a partir do versículo 17, um quadro dos mil anos de paz? Se é, poderia explicar-me o verso 20?

Isaías 65 é tido por alguns estudiosos da Bíblia como referência à vinda do milênio que se seguirá à grande tribulação.

O v. 20 significaria, pois, que a vida na terra durante esse milênio seria passada sob condições que permitiriam ao povo sobreviver. As pessoas não morreriam na infância nem na juventude, com exceção de certos "pecadores" que podiam perecer antes dos 100 anos. Durante esse período o pecado e a morte continuariam, mas as condições de paz, segurança e saúde ofereceriam uma vida mais prolongada e mais feliz do que agora temos.

Entretanto, alguns estudiosos não consideram esta passagem de Isaías como profecia do milênio, mas como a do regresso do cativo de Babilônia, descrito em linguagem muito idealista.

✓ "Tu és mestre de Israel, e não sabes Isto?" (João 3:10). Por que fez Jesus esta pergunta a Nicodemos? Se o novo nascimento só existiu depois da crucificação, por que lhe perguntou algo que ele não podia ter sabido?

A pergunta infere que Nicodemos podia e devia conhecer o assunto. Jesus falou acerca da possibilidade de nova vida—vida no reino de Deus—na qual se entrava através dum novo nascimento. Este renascimento espiritual era possível pelo poder misterioso do Espírito (v. 8) e pela crucificação do Filho do homem (vs. 14-15).

Nicodemos poderia ter conhecido esta doutrina, graças a passagens do Antigo Testamento, tais como Ezequiel 36:25-28; Números 21:7-9 e Isaías 53.

O que foi oferecido na cruz tinha sido antecipado nas profecias. Como "perito" nas Sagradas Escrituras, Nicodemos devia compreender a possibilidade dum novo coração, de novo relacionamento com Deus baseado na fé dum remédio divino para o pecado, não duma descendência física de Abraão. □

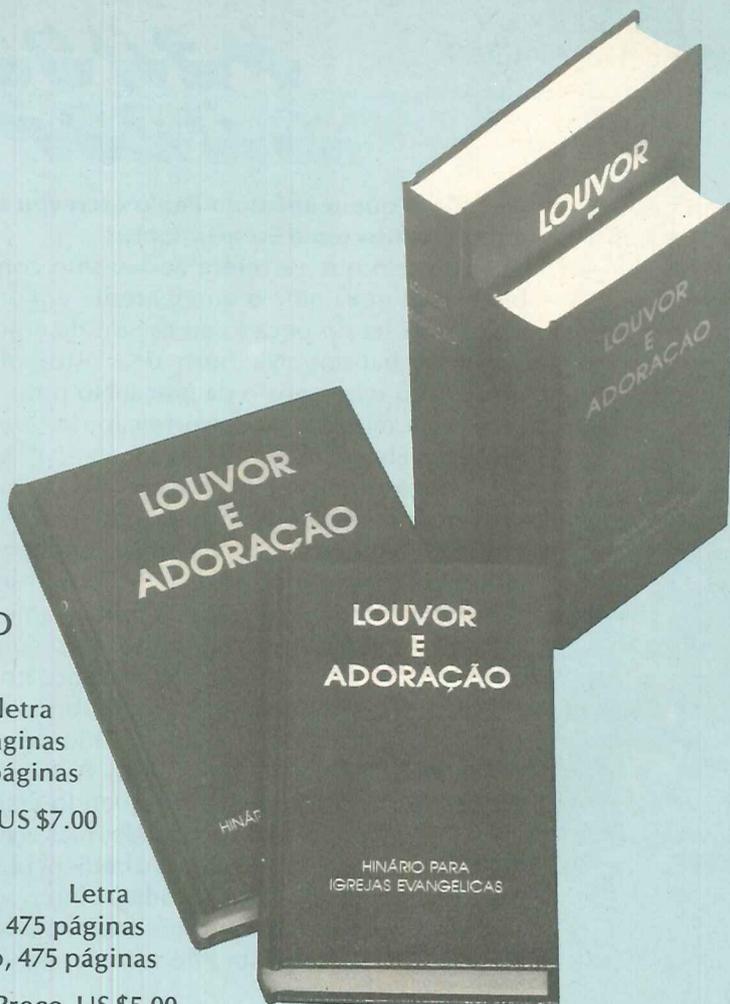
Edições especiais do hinário:
LOUVOR E ADORAÇÃO

Música e letra
PM-011 Encadernado, azul, 556 páginas
PM-009 Encadernado, castanho, 556 páginas
Preço US \$7.00

Letra
PM-012 Encadernado, azul, 475 páginas
PM-010 Encadernado, castanho, 475 páginas
Preço US \$5.00

Folhas soltas e capa com argolas metálicas
para instrumentalistas e músicos da igreja
PM-013 Capa preta, letras douradas

Preço US \$18.50



Faça hoje
a sua encomenda à
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES**
Box 527 Kansas City,
Missouri 64141, E.U.A.